

A cultura do judeu da diáspora



Por **SAMUEL KILSZTAJN***

O moderno sionismo político e a criação do estado de Israel como um estado judeu sempre foi matéria controversa, tanto entre judeus laicos como no meio religioso

Antes do Holocausto, os judeus de origem europeia (*ashkenazim*), que falavam yiddish, representavam 90% dos judeus no mundo (hoje representam 80%), os demais eram *sephardim* e *mizrahim*. Os judeus *ashkenazim*, durante a diáspora, desenvolveram uma cultura humanista, internacionalista e pacifista, que pode ser conferida na pujante literatura yiddish gerada entre as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX.

Em meio à cultura ocidental, o pacifismo judeu era considerado sinônimo de fraqueza e de pouca virilidade. Esses judeus, que sempre se posicionavam contra as desastrosas guerras entre os países europeus, foram vítimas de pogroms, submeteram-se a ser escravos do III Reich e caminharam pacificamente para o matadouro. Contudo, Jean-Paul Sartre escreveu que a brandura dos judeus, utilizados como bode expiatório, frente às injustiças e à violência era a verdadeira marca da grandeza do povo judeu.

O Plano de Partição da Palestina foi aprovado pelas Nações Unidas em 1947 como uma alternativa para o assentamento dos judeus sobreviventes que estavam alojados nos campos de refugiados na Europa. Para os países membros das Nações Unidas era mais conveniente a criação de um Estado judeu na Palestina do que autorizar a imigração desses judeus sobreviventes para seus respectivos países.

Na formação do Estado de Israel, ao se empenharem em sobrepujar a passividade com que os judeus enfrentaram os pogroms e o Holocausto, os israelenses decidiram soterrar o yiddish, a milenar língua materna dos judeus *ashkenazim*, e declarar a língua sacra, o hebraico, como idioma oficial. Em Israel, a tradição humanista, internacionalista e pacifista dos judeus da diáspora, junto com a sua língua, o yiddish, foi banida.

Era necessário criar o novo judeu, o judeu nacionalista e viril, capaz de expulsar 80% dos palestinos do território que passou a ser Israel, para garantir uma maioria judia no país; e submeter militarmente os 20% dos palestinos que foram autorizados a permanecer em Israel, bem como os refugiados e os palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Os judeus de Israel são chamados de *sabras* (frutos do cacto, figos da índia), grossos e espinhentos por fora e, como gostam de acreditar, macios e doces por dentro.

Na década de 1950, dezenas de milhares de judeus sobreviventes do Holocausto que haviam imigrado para Israel a partir de 1948, não se adaptando à cultura do novo judeu israelense, resolveram abandonar a Terra Prometida. Milhares de israelenses, por obra do destino, aportaram em terras brasileiras, imigração deveras desconfortável para os judeus sionistas brasileiros.

Essa *aliyah* às avessas, até hoje, não encontra registro na história da imigração judaica pela Confederação Israelita do

a terra é redonda

Brasil – CONIB.

O yiddish, uma língua com uma riqueza cultural mágica, autêntica, cheia de cores, aromas e sabores, sempre foi mesmo uma língua sem estado. A pátria dos judeus da diáspora era o livro, a *Torah*, e sua única arma sempre foi a caneta. Nos anos 1950, o primeiro-ministro David Ben-Gurion proibiu formalmente a nomeação de oficiais com sobrenomes yiddish para as forças armadas e para o corpo diplomático, forçando a substituição dos sobrenomes yiddish para sobrenomes hebraicos.

Em Israel, falar yiddish nas ruas era mal visto, quase uma contravenção. O poeta Menke Katz, depois de ter sido conduzido à prisão em Israel por falar yiddish com seu filho na rua, fez as malas mais uma vez e voltou para os Estados Unidos.

Mas os judeus nos Estados Unidos, que sempre foram considerados pacíficos, tolerantes e pouco viris na sociedade agressiva e competitiva norte-americana, resolveram enaltecer os “heroicos” israelenses, trair a cultura do judeu da diáspora e abraçar a cultura do novo judeu sionista, lutador viril, durão e armado até os dentes. Pankay Mishra, em [artigo](#) postado no site **A Terra é Redonda**, analisa o empenho tanto dos sionistas como dos nacionalistas hindus em substituir suas pregressas experiências de humilhação por uma cultura heroica.

Israel deu início a uma ofensiva militar em Gaza após 7 de outubro de 2023. A OTAN, hipocritamente, se empenha em um cessar fogo enquanto a guerra segue em Gaza, com o povo palestino sendo exterminado, e a vida em Israel segue seu curso normal, comércio, restaurantes e bares abertos, adultos indo trabalhar e crianças frequentando as escolas. Esta guerra é uma farsa, é uma chacina.

Em 1982, as Nações Unidas, por 123 votos a favor, nenhum contra e 22 abstenções, condenaram o massacre de Sabra e Chatila declarando-o um ato de genocídio. A Corte Suprema de Israel considerou o Ministro da Defesa responsável pelo massacre e recomendou a sua demissão. Seria possível imaginar, como uma reação ao massacre de Sabra e Chatila, uma ofensiva palestina em Tel Aviv que a deixasse aos escombros, como está hoje reduzida a Faixa de Gaza? Imaginar o extermínio de milhares de homens, mulheres e crianças israelenses na proporção das atuais mortes perpetradas pelo exército israelense em Gaza? Para os países membros da OTAN, a mera imaginação de uma ofensiva palestina no calibre da ofensiva israelense é mais aviltante que a efetiva ofensiva militar em andamento em Gaza.

Em 2016, a IHRA (Aliança Internacional para a Memória do Holocausto) divulgou uma [Definição Prática de Antissemitismo](#), que inclui “negar ao povo judeu o seu direito à autodeterminação, por exemplo, afirmando que a existência do Estado de Israel é um empreendimento racista”. Vários países membros da OTAN aderiram à definição de antissemitismo da IHRA, substituindo judaísmo por sionismo e se empenhando em silenciar as vozes dissidentes em apoio à causa palestina, perseguir professores, pesquisadores e acadêmicos, cancelar palestras, exposições, eventos, shows, desconvidar pessoas para receberem prêmios etc.

Em 2020 vários acadêmicos, jornalistas e intelectuais palestinos e árabes expressaram suas preocupações com a [definição de antissemitismo da IHRA](#). Em agosto de 2023, a centenária organização judia norte americana *The Workers Circle* [rompeu com as demais organizações judaicas](#) nos Estados Unidos por discordar da definição de antissemitismo da IHRA. Em março de 2024, o governador do Estado de São Paulo achou por bem aderir à Definição Prática de Antissemitismo da IHRA.

O moderno sionismo político nasceu no final do século XIX, mas era muito pouco expressivo até a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha. Parte significativa dos judeus europeus aderiu ao ideário socialista; e parte significativa imigrava para os Estados Unidos. O Bund, a União Geral dos Trabalhadores Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia, fundado em 1897 no seio do Império Czarista, constituiu-se em um expressivo movimento em prol da democracia e do socialismo.

O Bund era internacionalista e abertamente antissionista. Entre 1881 (início dos pogroms no Império Russo) e 1914 (início da Primeira Guerra Mundial), três milhões de judeus abandonaram o Leste Europeu, dois milhões dos quais imigraram

a terra é redonda

para os Estados Unidos. Jerusalém, para a grande maioria dos judeus, permanecia sendo a Jerusalém Celeste, espiritual, messiânica, o paraíso, a Terra Prometida para a qual, durante o *Pessah*, anualmente, se dizia querer ir “no próximo ano”, *l’shana haba’ah b’Yerushalayim*.

O moderno sionismo político e a criação do estado de Israel como um estado judeu sempre foi matéria controversa, tanto entre judeus laicos como no meio religioso. Para o judaísmo, a unanimidade é considerada estúpida e é recriminada.

**Samuel Kilsztajn é professor titular em economia política da PUC-SP. Autor, entre outros livros, de Yiddish amz.run/7C8V.*

**A Terra é Redonda existe graças
aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA